



CINEMA PARADISO

Boletim n. 342

São Paulo, 24 de setembro de 2013



Próxima Reunião: 29/09/2013 - Domingo às 16 h

TANTA ÁGUA (Tanta Agua)

Diretoras: Ana Guevara Pose e Leticia Jorge Romero (*)

(*) Ambas nasceram em Montevideú, Uruguai; Ana em 1980 e Leticia em 1981. As duas são roteiristas, diretoras e montadoras. Realizaram juntas os curtas *El cuarto del fondo* (2007) e *Corredores de Verano* (2009). *Tanta Agua* é o primeiro longa metragem das duas jovens.

BOA SORTE, MEU AMOR



Filme de Daniel Aragão confirma relevância do cinema pernambucano, expõe país em transe e vale pela desmesura, ainda que exagerada.

Já escrevi que o cinema pernambucano tem sido o que melhor encara – e escancara – a sobreposição, no Brasil, de um presente de aparência moderna e uma herança histórica de mandonismo e opressão social. A mais nova comprovação dessa ideia é *Boa sorte, meu amor*, surpreendente longa-metragem de estreia de Daniel Aragão que entrou em 13 de setembro, em várias cidades brasileiras.

Numa sinopse grosseira, podemos dizer que se trata da história de amor entre um rapaz da elite pernambucana, Dirceu (Vinicius Zinn), arquiteto numa empresa de demolição no Recife, e uma estudante de música, Maria (Christiana Ubach), que ganha a vida como recepcionista de festas e distribuindo panfletos no semáforo.

Dois planos-sequência apresentados logo no início de certa forma balizam o filme tanto em termos temáticos como estéticos. Na cena de abertura, uma conversa estarecedora entre pai e filho (na verdade, um monólogo do pai) expõe as raízes brutais da família, numa explanação que vale por uma aula sobre a formação da sociedade brasileira. Pouco depois, um hipnótico close em câmera lenta de Maria (em sua primeira aparição), ao som de Jack Wilson cantando *I don't need you around*, nos lança com Dirceu no terreno movediço da fascinação.

Se um plano ancora o protagonista na terra, no mundo social e histórico “real”, o outro o desestabiliza e atordoia, arrastando-o para o sonho, se não para o pesadelo e a alucinação.

Estética da desmesura

Os bons filmes de uma safra costumam iluminar uns aos outros, nem que seja por contraste. Dessa perspectiva, *O som ao redor* e *Boa sorte, meu amor* são opostos que se complementam. Se o filme de Kleber Mendonça Filho é um prodígio de equilíbrio e sutileza, o de Daniel Aragão é “petulante, ambicioso, desgovernado”, como escreveu o jovem crítico Fábio Andrade na melhor crítica que li a respeito. É dessa desmesura que ele extrai sua força, ainda que exponha também suas fragilidades.

A ambição estética de Aragão fica evidente já por suas escolhas iniciais: o preto e branco brilhante da fotografia, o *cinemascope* do qual se exploram ao máximo as possibilidades de enquadramento e distorção, a exuberância da trilha sonora. Tudo isso nos diz, quase nos grita, que ele não está ali para contar uma historinha banal e verossímil.

Ao incorporar em sua própria fatura o transe de seu protagonista, o filme ocasionalmente resvala, sobretudo em seu terço final, para um certo inchaço estético (distorções de luz e som, enquadramentos oblíquos, vertiginosos *plongées*) e para rupturas frontais com o realismo que, a meu ver, nem sempre se justificam. A tendência à alegoria corre o risco de afrouxar o impacto de uma narrativa tão contundente.

Deter-se ranzinzamente nesses possíveis deslizes seria mesquinho. Afinal, a opção pelo risco implica a possibilidade do erro. E o próprio erro pode ser fecundo. Aliás, o que é “erro” em arte, ou mesmo na vida? Talvez seja o caso de lembrar uma frase de Julio Cortázar: “Em minha juventude se dizia de Greta Garbo que tinha os pés muito grandes. Eu pensava: sim, mas todo o resto é de uma deusa”. Cada um repara no que quer.

Zé Geraldo Couto.

Texto publicado no Blog do IMS - Instituto Moreira Sales e gentilmente cedido por Zé Geraldo

<http://www.blogdoims.com.br/jose-geraldo-couto-no-cinema/>

O mesmo artigo está também publicado no site *Outras Palavras*, <http://outraspalavras.net/destaques/a-terra-e-o-transe-em-boa-sorte/>

Foi com alegria que recebemos a notícia de que o filme *O Som ao Redor*, de Kleber Mendonça Filho, será o indicado do Brasil para concorrer ao Oscar de 2014. Nosso grupo fez uma discussão riquíssima desse filme (em janeiro), afinado com a crítica (nacional e internacional) que tem sido unânime em classificá-lo com uma das melhores produções de 2013. Com essa indicação, o filme será apresentado à Academia de Artes e Ciências Cinematográficas dos EUA, que analisará sugestões de países do mundo todo e escolherá cinco finalistas no dia 16 de janeiro. Vamos torcer! De qualquer forma, a simples indicação sempre dá visibilidade ao filme. *O Som ao Redor* ganhou de outros bons filmes indicados como *Gonzaga – de Pai para Filho*, de Breno Silveira e *Uma História de Amor e Fúria*, de Luiz Bolognesi, entre outros.

LAS ACACIAS

Las acacias (2010), do diretor argentino Pablo Giorgelli, colecionou prêmios em seu país e também em festivais internacionais, como Cannes (Camera d'Or, para o melhor filme de diretor estreante), Biarritz e San Sebastián. Após carreira de sucesso, a produção finalmente entrou em cartaz no Brasil. É um fato a se comemorar, mas que também causa preocupação, afinal é alarmante uma obra tão premiada do país latino-americano que mais exporta cinema ao Brasil demorar três anos para chegar às nossas telas. Isto evidencia que, ao contrário do que parece, conhece-se pouco cinema argentino por aqui. Deixarei esta discussão de lado por enquanto para voltar a ela mais tarde.

Las acacias encanta por sua simplicidade ao contar a história de Rubén (Germán da Silva), caminhoneiro que transporta madeira pelo trajeto de Assunção, no Paraguai, a Buenos Aires, e que, desta vez, dá carona para Jacinta (Hebe Duarte). Logo de cara se estabelece uma tensão, pois Rubén não a conhece e foi informado por um outra pessoa que ela viria sozinha e não com sua filha Anahí, recém-nascida. Nada mais se sabe deles, de forma que, logo no início do filme, as dúvidas do espectador são também as das próprias personagens. Por que foge Jacinta? De quem foge? Quem é o pai do bebê? E Rubén, por que se incomoda com a presença delas? Quais medidas ele tomará para amenizar seu desconforto? Tudo apresentado com poucas palavras, gestos contidos, sem exageros e uma câmera sóbria que parece mais testemunhar do que narrar. Constrói-se a partir de então um universo de *road movie*, no qual a longa viagem traz as informações sobre o passado destas personagens, inspiradas em tantas possíveis histórias de pessoas reais.

A força deste filme está em seu poder de contenção. Aos poucos, o silêncio e o constrangimento dão lugar a gestos e sorrisos tímidos e ao afeto de quem parece tão pouco acostumado a ele. Seu encanto reside na simplicidade difícil de se obter em tempos de tantos excessos de informação, tecnologia, cores, emoções e aparências, dentro e fora do cinema. Assim, alcança grande resultado ao investigar histórias escondidas, daquelas que, quando começam a se revelar, logo tentam se disfarçar. Explora-se a solidão das viagens de Rubén, cuja profissão é a forma de isolamento que ele elegeu para tentar dar sentido a sua vida, até conhecer Jacinta, que o faz mudar de percepção. Esta simplicidade só é possível por conta da solidez das personagens, cujas vidas comuns, de brilho discreto, estão adormecidas nas estradas sem fim que ligam Paraguai e Argentina, assim como poderia ser qualquer outra estrada desta América Latina. Isto torna o filme universal, ao lançar luz sobre os pouco lembrados e suas buscas, em uma estrada que qualquer um de nós poderia percorrer. O filme traz o que de belo pode surgir pelo caminho de Rubén e Jacinta, mostrando que eles têm



trabalhos, dificuldades, sonhos, surpresas, enfim, que eles têm vida, apesar da carência emocional e material.

Por estas razões, a demora da estréia de **Las Acacias** traz preocupação, pois demonstra a dificuldade existente no trânsito de obras cinematográficas entre Brasil e Argentina, mesmo em casos de obras premiadas. Uma rápida consulta das estréias de 2012 e 2013 no portal Filme B revela a defasagem na chegada da maioria dos títulos argentinos lançados aqui, mesmo em caso de co-produções com outros países (inclusive o Brasil, o que facilita, mas nem tanto, sua distribuição). São 14 títulos em 2013* e 8 em 2012**. É muito pouco de uma cinematografia tão significativa. Vale lembrar ainda que a presença destes filmes se restringe a cidades que contam com mercado exibidor mais forte e nem todos são lançados em DVD ou na TV a cabo. Enquanto isso, as estreias semanais dos EUA ocupam a maior parte do mercado de exibição nacional, pois, supostamente, garantem público e são mais rentáveis.

Está cada vez mais claro que uma ocupação das salas que contemple a diversidade do cinema mundial deixou de ser uma discussão restrita aos cinéfilos. Trata-se de uma questão de política cultural. Porém, quem quer comprar essa briga?

Vanderlei Mastropaulo

*<http://www.filmeb.com.br/portal/html/calendario13.php>, acesso em 05/09/2013.

**<http://www.filmeb.com.br/portal/html/calendario12.php>, acesso em 05/09/2013.

Recado da Cláudia Mogadouro: nosso cinema predileto, o CineSesc, exibiu o filme **Las Acacias** até o dia 19/09 em várias sessões. Foi a única sala de cinema em São Paulo a exibi-lo. Vamos aguardar, quem sabe, a exibição em algum canal pago ou sair em DVD. Eu vi o filme, é interessantíssimo! Tem a cara do nosso grupo!

Nossa leitora Soninha Rodrigues avisa que, de 26 a 29 de setembro, acontece no Itaú Cultural, em São Paulo, a mostra *INA e os Sentidos da Imagem: Produção e Memória*. O ciclo de filmes traz parte do acervo do Audiovisual (INA), organismo do governo francês para a conservação da produção para rádio e TV nacionais. Além da exibição de documentários (inéditos) – com foco no cineasta Jean-Luc Godard, na bailarina Pina Bausch e na inauguração de Brasília, entre outros temas –, o evento conta com debate e aula magna, que abordam as relações do audiovisual com as instituições e as tensões entre imagem e política. São 17 filmes, em até quatro sessões por dia. Entrada Franca.

Av. Paulista, 149 – São Paulo/SP Mais informações, no site: <http://novo.itaucultural.org.br/programa-se/agenda/evento/?id=70908>

FUNDO FINANCEIRO DO GRUPO CINEMA PARADISO

A doação voluntária, para as despesas anuais pode ser feita em qualquer valor, mas pedimos que, ao depositar, nos avise no e-mail:

estherstiel12@gmail.com A conta de poupança é:

Banco: Caixa (104), ag. 0239, op. 013, nº da conta 8247-5

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma / Marcos Paulino
E-mail: janetepalma@gmail.com

COTAÇÃO 2013

Branca de Neve.....	9,75
Tabu	9,50
Amor.....	9,27
César Deve Morrer	9,06
Django Live	8,91
Flores Raras	8,88
Dentro de Casa	8,83
Hoje.....	8,78
O Som ao Redor	8,66
As Aventuras de Pi.....	8,57
Antes da Meia Noite	8,36
A sorte em suas mãos.....	7,33